

Tema do Cartel: O declínio da Função Paterna.

Integrantes: Gisele Mappelli, Joice Otávio Ponce, Lais Braz Xavier, Valdiceia Regina Faust.

***Função mais um:** Madalena Becker Lima.

O declínio da função paterna: novos sintomas e reflexões sobre o Autismo.

Primeiramente gostaria de deixar aqui o agradecimento às colegas que estiveram junto comigo nesta caminhada. Confesso que inicialmente me senti um pouco perdida ao iniciar os estudos, mas com o auxílio e apoio de vocês fui me encontrando. Compreendi então a importância e o valor do compartilhamento de ideias para a formação continuada.

Sou formada em Psicologia desde o final de 2020 e fui tocada pela Psicanálise desde os primeiros semestres da graduação. Ingressei a prática clínica no início de 2021 e intensifiquei os aprendizados nesta área com o desenrolar deste cartel.

Desde o final da Graduação, ao tentar definir um tema para minha monografia, o desejo de escrever sobre este assunto já se fazia presente em mim... Penso, porém, que naquele momento ainda não possuía maturidade e conhecimento suficientes para um estudo mais aprofundado sobre o tema. Observava mudanças na sociedade envolvendo as relações humanas, principalmente a percepção de uma queda no modelo de uma sociedade estruturada de forma vertical e patriarcal, e a ascensão de relações cada vez mais horizontais. Assim como alterações na instituição familiar e na relação entre pais e filhos. Questões e mudanças estas que, a meu ver, interferem diretamente em outros subsistemas sociais e principalmente na subjetividade de cada sujeito.

Após ter acesso ao Cartel, compreendi que o nome que buscava anteriormente para expressar e resumir um pouco dos pensamentos que me ocorriam naquela época envolviam o tema proposto pelo grupo: "O declínio da Função Paterna".

Lacan há alguns anos atrás já pontua reflexões envolvendo o declínio desta função. Entende Função Paterna como uma Função simbólica presente na subjetividade dos sujeitos. Função esta que não necessariamente será

exercida por uma figura masculina, mas sim por algo ou alguém que entra como um objeto de desejo da mãe, na relação mãe-bebê e o tira deste lugar. O “nome-do-pai” é um significante que entra em substituição ao falo, que se estabelece nesta relação e faz o bebê confrontar-se com o desejo da mãe direcionado para outra direção, introduzindo um corte, interditando o desejo da mãe.

Segundo Lacan

No plano Imaginário, o pai, pura e simplesmente, intervém como privador da mãe, ou seja, o que é aqui endereçado ao outro como demanda, é remetido a um tribunal superior, é substituído, como convém, pois sempre, sob certos aspectos, aquilo sobre o que interrogamos o ‘outro’, à medida que ele o percorre em toda a sua extensão, encontra no outro esse ‘outro’ do outro, isto é, sua própria lei. E é a esse nível que se produz alguma coisa que faz com que o que retorne à criança seja pura e simplesmente a Lei do Pai [...] (Lacan, 1958).

Lei esta entendida como uma lei de limite simbólico ao sujeito, lei passada de geração em geração, que torna-se base para outras limitações. A Psicanálise irá chamá-la de Lei Simbólica da castração, ou Lei da Palavra.

No Livro “O complexo de Telêmaco”, de Massimo Recalcati, o autor aborda a relação de pais e filhos juntamente a construção de ideias que demonstram este declínio da Imago Paterna. Descreve sobre a evaporação deste significante Pai ao longo dos tempos.

Mas qual o resultado de tudo isso, deste declínio de função simbólica?

Bauman analisa a sociedade atual e a descreve como uma “modernidade líquida”, período em que relações que anteriormente eram tidas como sólidas, firmes e inabaláveis, mostram-se cada vez mais flexíveis e voláteis. É perceptível uma cultura que não é mais orientada pela alteridade de um pai, onde tradição e lei não predominam mais.

Massimo menciona este Pai, que antes tranquilizava, mas que agora precisa ser tranquilizado, e abre o questionamento: quem é o pai na atualidade? Quem são os filhos?

Pensando nesta relação de pais e filhos, porque não discorrer um pouco sobre os filhos que chegam até nossos consultórios hoje? Aqui trago um pouco de minha experiência clínica, onde desde o final de 2021, atuo com crianças e adolescentes com autismo.

Um mundo autista que se fecha em si... Crianças com dificuldade no estabelecimento de vínculos afetivos, que apresentam limitações na linguagem, sujeitos que não conseguem expressar o que sentem, mostrando a ausência da “palavra”. Que fogem do olhar e do contato do outro, que não conseguem simbolizar, que não dão conta de mínimas frustrações. Ao mesmo tempo, chegam também pais, perdidos e inseguros, que muitas vezes não participam da vida dos filhos, que não sabem lidar com estes novos sintomas, que não se fazem presentes, que não convocam este sujeito.

O termo “distúrbio autístico” surge com Leo Kanner, em 1943. Bleuler, no início do século XX, também faz uso da expressão “pensamentos autísticos”, ao referir-se à pacientes com esquizofrenia, que demonstravam preferência pela solidão e necessidade de mesmice. Influenciado por Freud, utiliza pela primeira vez o termo autismo, partindo do termo “autoerotismo”, em que exclui da expressão o “EROS” (que significa energia de vida).

Bruno Bettelheim, sob uma ótica Freudiana, entendia o quadro como uma “síndrome de alteração do Ego, resultante da rejeição inconsciente dos pais”, ideia esta que perdeu força com o tempo.

Melanie Klein, precursora na psicanálise infantil, se aproxima do assunto quando publica o caso Dick. Um caso descrito inicialmente como uma psicose infantil, mas que na visão de hoje seria facilmente encaixado como um caso de autismo. O menino de quatro anos apresentava falas constantes, movimentos estereotipados, oposição a afetos, falta de interesse por objetos ou pelo brincar, falta de investimento libidinal. Para Klein, tal quadro surgia da combinação de defesas primitivas e excessivas do ego, uma fragmentação precoce, que desenvolve uma desorganização de processos de adaptação e integração.

Apesar de não ter falado muito sobre o autismo, Lacan ao analisar o caso Dick fala sobre a palavra que não chega até ele. Pontua que a linguagem não envolveu o seu sistema imaginário, que crianças como Dick estão imersas no real. Para ele, o real e o imaginário são equivalentes, ele não faz a assunção da palavra, do significante que permitiria a simbolização da realidade. Lacan Diz que ao tapar os ouvidos, o sujeito autista se protege do verbo, se protege do efeito da linguagem. Apesar disto reflete que existe um sujeito no autismo.

Jacques Allain Miller, falará que no autismo falta a falta, que por estar imerso no real, falta neste sujeito um furo.

Para Marie Christine Lasnick “a patologia autística primária numa criança seria a consequência da não instauração do circuito pulsional completo, devido à ausência de seu terceiro tempo”. Período em que o bebê faz-se objeto de um outro sujeito. Seria então o autismo, uma patologia deste laço com o outro.

Freud fala de circuito pulsional, e o descreve como um circuito que irá alcançar o outro e retornar como linguagem. Uma pulsão que sai do corpo e vai para o mundo, e que depois retorna ao corpo para se satisfazer. No autismo a pulsão fica no próprio corpo, não alcança o outro. Este sujeito não cede ao outro (nem olhar e nem voz), ao invés disso, se protege.

Jean Claude Maleval fala sobre haver uma recusa de linguagem no autismo, sobre não existir metáfora nem metonímia. Jerusalinski reflete sobre o assunto e pensa nele como uma outra forma de organização psíquica, uma quarta estrutura. Alguns autores propõem também que neste quadro, a inscrição do sujeito não se dá, ocorrendo portanto a Exclusão do nome-do-pai.

Por fim, trago aqui um pequeno recorte de um caso clínico que acompanho a pouco mais de um ano e algumas percepções a respeito:

*Luiza, hoje com 3 anos, possui o diagnóstico de autismo e chega para atendimento extremamente vulnerável, não aceita nem sair do colo da mãe, que mostra uma superproteção por ela. Não permite a proximidade de outras pessoas, treme de medo na presença de outros sujeitos mesmo junto a mãe. Não aceita nenhum contato e não demonstra o menor interesse pelo outro. Não mostra desejos e nem deixa a linguagem se aproximar, mostra-se uma criança totalmente desconectada a realidade... Não corresponde a este outro que surge e parece, realmente, querer se proteger.

Luiza vem de uma gestação muito desejada e nasce em meio a pandemia. Seus pais apresentam um cuidado excessivo por ela, a cuidam como se fosse uma “pecinha de cristal”. Falam pouco e são mais reservados - de alguma forma também se “protegem”. Ao trazer a filha para as sessões, não querem desgrudar da menina, tem receios e medos, não aceitam a entrada de nenhum outro nesta relação, não permitem que nenhuma outra “leí” a acesse. Desta forma, Luiza não percebe, não entra e não subjetiva esta “falta”...

Durante seu tratamento, fez-se necessário então, enquanto analista, entrar nesta relação e fazer esta interdição, evocar esta criança, colocá-la na linguagem e ao mesmo tempo tirá-la deste lugar de superproteção. Colocá-la

diante da falta e da ausência dos pais, para que então pudesse desejar e explorar o mundo. Assim, aos poucos e com muita paciência, Luiza começa a apresentar pequenas mudanças e hoje em dia é outra criança. Apesar de grandes avanços ainda necessita e está em acompanhamento.

Luiza, assim como outras crianças com Autismo, tem um jeito único de encarar o mundo, e mesmo com limitações, aos poucos consegue se aproximar de um desenvolvimento tido como “típico”. Assim como outros sintomas que surgem nos dias atuais, são sujeitos que necessitam de um olhar clínico e cuidados diferentes, que não devem ser vistos apenas pelo diagnóstico (rótulo) que possuem. Sujeitos que necessitam deste Outro pra entrar na linguagem e se ancorar nela, função esta que muitas vezes será nosso papel durante uma análise...

Curitiba, 06 de maio de 2023.

Gisele Mappelli